

# Mundial diz que Brasil poderá

JORNAL DO BRASIL  
**Banco**

crescer 6 a 7%

quinta-feira, 21/2/85 □ 1º caderno □ 15

O Brasil poderá crescer a uma taxa média entre 6% e 7%, até o final da década de 80, continuando a apresentar um quadro mais animador em suas contas externas, segundo previsões feitas pelo Banco Mundial.

Para que essas projeções se concretizem, além de o país ser beneficiado por taxas de juros internacionais mais baixas e pela queda nos preços do petróleo, será necessário que a economia mundial continue a se recuperar, as exportações brasileiras mantenham seu ritmo de crescimento e também que haja, se possível, o ingresso líquido de financiamento externo, "mesmo que em volumes modestos".

Apesar desse quadro otimista, assinalam os técnicos do BIRD, até 1990 o Brasil deverá ser exportador de capital, transferindo para o exterior elevado volume de recursos, pois o pagamento de juros líquidos será fatalmente superior à entrada de novos empréstimos.

De acordo com o economis-

ta William Tyler, um dos elaboradores do estudo Desempenho Econômico e Perspectivas para o Brasil, realizado com base em levantamentos feitos por missões do Banco que estiveram no país em 1982 e 1983, a previsão inicial — divulgada no documento — era de uma taxa de crescimento média, nos próximos anos, de 5,5%.

— O ano de 1984, no entanto — explicou Tyler — fez com que a equipe técnica do Banco realizasse uma revisão nessa estimativa, admitindo até mesmo taxas de crescimento econômico para o Brasil de 7%. Ficou comprovado que basta criar demanda por bens e serviços para que a indústria brasileira responda ao estímulo, apresentando aumentos significativos na produção.

Quanto à análise a respeito das condicionantes externas que poderão frear ou impulsionar o crescimento na segunda metade da década de 80, não sofreu grandes alterações, assim como as propostas feitas no estudo para a reordenação da economia interna brasileira.

## Investimentos e emprego

Entre as sugestões feitas na publicação "Desempenho Econômico e Perspectivas para o Brasil", editada pelo FGV no início deste ano, continuam absolutamente atuais, segundo Tyler, as que defendem uma programação nítida para os investimentos prioritários e a expansão das oportunidades de emprego no país.

— A questão do desemprego é uma das que mais nos preocupam, assim como o empobrecimento da população nos últimos anos. Espero que o novo Governo adote políticas concretas para remediar esse mal — disse o economista, quando participou recentemente de uma conferência na Fundação Getúlio Vargas com o objetivo de divulgar o documento do Banco.

Na opinião da equipe técnica do Bird, como as taxas de crescimento econômico, nos próximos anos, poderão se aproximar do nível histórico de 7% ou ficarem abaixo, dependendo sobretudo do comportamento da economia mundial e do mercado financeiro internacional, o que o Governo brasi-

leiro precisa é adotar medidas que aumentem a elasticidade da geração de empregos relativa à expansão do Produto Interno Bruto (PIB). Para isso, recomendam que se dê maior prioridade ao emprego da mão-de-obra em favor do uso do equipamento de capital.

Com relação ao programa de investimentos, que deveria incluir previsões quanto às necessidades de financiamento do setor público, a recomendação é a de que seja multianual e que seja feito através da avaliação das necessidades setoriais e da disponibilidade global de recursos.

Esse programa, frisaram ainda no relatório os técnicos do Banco Mundial, deveria ser fortalecido pela Secretaria de Planejamento por meio de uma orientação a todas as agências executoras no que diz respeito às prioridades de desenvolvimento, critérios e metodologia de avaliação de projetos, expectativas de recursos, além de estabelecer uma ligação clara e controlável entre a programação de investimentos e a distribuição de recursos públicos.

No tocante a salários, a posição dos economistas da instituição multilateral é a de que podem acompanhar a inflação, pois estudos econométricos provaram que as últimas leis salariais não auxiliaram significativamente o combate à elevação dos preços no país. Mais importante do que "achatar salários", dizem, é obter o aumento da produtividade da mão-de-obra.

A equipe do Banco Mundial — que foi constituída por Tyler e por mais três economistas: Roberto Incer, Fred Levy e Lorene Yap — também propôs o melhoramento das finanças públicas, com redução drástica dos subsídios; um programa coordenado de liberalização comercial, reduzindo logo em

primeiro lugar o uso substancial de barreiras alfandegárias; uma política de preços clara que responda às variações de custos e as formas de mercado competitivas e uma política fiscal mais eficiente, além de reformas no setor financeiro.

A respeito de reformas, William Tyler explicou que o Banco Mundial considera que o Brasil deveria fazer a reforma bancária, transformando em um "banco central clássico" e o Banco do Brasil apenas em agência de fomento.

A taxa de crescimento econômico do Brasil no ano passado ficou entre 4% e 4,4%, o que surpreendeu os técnicos do Banco Mundial, que previam uma taxa de 3,5%.